

ARQUIVOS E FONTES

Sobre Escravidão no Império Romano (152 documentos epigráficos)

Glória Portal

Departamento de História da FFLCH da Universidade de São Paulo

É verdade que crescem dia a dia a consciência e a sensibilidade quanto às formas de ultraje à pessoa humana, entre elas a escravidão. O interesse é cada vez maior por documentos e estudos esclarecedores da trajetória do escravismo, reveladores do aprofundamento, fortalecimento e nuances deste sistema. As províncias romanas não conheceram na mesma amplitude a difusão do sistema escravista, o que implica em diferenças essenciais entre elas quanto aos modos de exploração.

Prosseguimos agora estudos iniciados há alguns anos sobre a escravidão numa região determinada do Império Romano: a Dácia.

Nosso objetivo é o de procurar, principalmente através de toda a série documental epigráfica existente sobre escravidão na Província Dácia de Trajano (152 documentos), discernir em que medida o sistema escravista penetrou nesta província e quais os tipos de relações de produção que estão se estabeleceram. Até aqui inexistia tradução portuguesa dos documentos mencionados acima; isto é um argumento forte a nos impulsionar no presente estudo; além de outras razões.

Partimos de uma sintética colocação da presença romana entre os geto-dácios. A seguir passamos aos documentos examinando, preferencialmente, funções que neles aparecem, sendo exercidas por escravos, nas administrações da Província ou de bens privados; elas revelam relações de produção. A terceira parte é a tradução dos 152 documentos epigráficos, realizados frente ao *Supplementum Epigraphicum* (romeno-latino), de D. Tudor, editado pela Academia de Ciências da Romênia. Nossa tradução obedeceu aos seguintes critérios: 1) conservamos o estilo lapidar

das inscrições; 2) evitamos glosas inúteis, supérfluas; 3) aportuguesamos os nomes próprios.

I

Os geto-dácios ocupavam parte da Romênia atual (1). A Transilvânia foi o centro da civilização dácia. Lá, ainda hoje, estão os vestígios monumentais desta civilização, documentos que tivemos a oportunidade de estudar *in situ*. Os dácios, com os reis Burebista e Decébal, haviam chegado à formação de um Estado unificado, independente, com culturas material e espiritual originais (2).

São comprovadas as relações comerciais entre romanos e geto-dácios desde o século II a.C. (3). Uma penetração pecífica precedeu ao domínio pelas armas, sob Trajano (101-102, 105-106).

Tudo indica que a presença de Trajano na região cárpato-danubiana foi premeditada. Num Colóquio Internacional sobre os imperadores da Espanha, realizado

(1) — CASSIO, Dion — VII, 6 — *Histoire Romaine*. Trad. Gros, 9ª edição. Paris, Ed. Didot, 1949, 9 vol. 9, p. 393, "Dácios era o nome que se davam e pelo qual são sempre designados pelos romanos. Eram chamados getas por alguns gregos. É Dácia toda a população ao norte do Ister (Danúbio). Os getas habitavam além do Hemus" (Baixo Danúbio). HERÓDOTO, V. 3, Ed. Ibéria, vol. II, p. 14, chama genericamente de getas os getas e os dácios da margem esquerda do Danúbio. ESTRABÃO, Géographie, VII, III, 12. Paris, Ed. Hachette, 1894, tomo II, p. 28, "O nome getas designa as populações de leste, aquelas próximas do Ponto, e o nome dácios as populações do oeste, as que habitavam do lado da Germânia. O fato de Burebista aparecer em Estrabão, ora como chefe geta, ora como dácio, dá a entender que estes povos se haviam unido, o que nos leva a falar em geto-dácios. A Dácia de Trajano ocupava a Transilvânia, o Banato e a Oltênia.

(2) — Stramosii Românilor (Os Antepassados dos Romanos), obra em 8 volumes, sob a coordenação de George Sorin Movilianu, Marin Predutoiu, publicada por ocasião da passagem de 2050 anos da formação do primeiro Estado Dácio independente, unificado (1980). Esta obra contém 2.454 documentos de diversos tipos. Sobre os geto-dácios, apenas citando estudos recentes: PASCU, Stefan — *2050 ans d'existence de l'Etat sur le territoire de la Roumanie*; DIMBOVITA, Mircea Petrescu — *Le foyer originare des thraco-geto-daces*; VULPE, Radu — *La fusion des civilisations dace et romaine. La continuité et l'unité du peuple roumain*; BERCIU, Dimitru — *La culture matérielle et spirituelle des thaco-daces dans le cadre des civilisations de l'époque*, etc., trabalhos apresentados em sessões científicas, de participação internacional na Academia de Ciências da Romênia, dias 7 e 8 de agosto de 1980.

Os chefes locais detinham o excedente da produção. Ao lado da economia monetária permanecia a economia de escambo.

(3) — MITREA, Bucur — "Les relations commerciales des geto-daces de la Valachie avec la République Romaine, telles qu'elles ressortent des découvertes monétaires", in *Studii si cercetari de Numismatica*. Bucarest, Academiei Republicii Populare Romine, 1958, pp. 230 e ss. Sobre, *Conventus Civium Romanorum Negotiay di Causa Consistentium*: PÂRVAN, Vasile-Dacia. Cambridge, Cambridge University Press, 1928, p. 152. DAICOVITIO, C. — *La Transilvanie dans l'antiquité*, Bucarest 1945, pp. 100-151.

em Madri de 31-3 a 6-4, 1964, discutiu-se a provocante tese de ROSTOVTZEV (em sua conhecida obra: *História Econômica e Social do Império Romano*): “O império romano no início do século II iniciava seu declínio e os imperadores antoninos tinham consciência disso”. Sendo verdadeira a tese de Rostovtzev não seria difícil compreender a premeditação em conquistar a Dácia. A organização da província Dácia de Trajano, teve, desde o começo, um triplo fim: explorar as imensas riquezas do solo e do sub-solo que parte dos domínios de Decébalos possuíam (como jazidas de ferro, ouro, prata e cobre) (4), ocupar posições estratégicas para o controle das rotas comerciais com o Oriente (5) e por fim militar, vigiar os acessos da Europa Central e das estepes ao norte do Mar Negro ao sul do Mediterrâneo. A construção e a reparação de estradas, a substituição e o aquartelamento das tropas que se dirigiam à Ásia pesavam sobre as províncias danubianas (6).

(4) — Sobre a discussão de que o Império manobrava à ruína no início do século II: *Les Empereurs Romains en Espagne (Colloques Internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 1965)*. A respeito das riquezas dácias LYDUS, Johannes — *De Magistratibus*, II, 28, apresenta “Cifras fantásticas” do que Trajano levou da Dácia. Apud CARCOPINO, Jérôme — *L’Or des daces. In: Points de vue sur l’Imperialisme Romain*, p. 82. Carcopino mostra a possibilidade de erro de transcrição do compilador Lydus, que teria empregado dez mil por mil. Carcopino propõe as seguintes cifras que considera razoáveis: cinqüenta mil prisoi-neiros, cento e sessenta mil e quinhentos quilos de ouro e trezentos e trinta e um mil quilos de prata. PLÍNIO — O Jovem — *Panegirico*. Madrid, Ed. Hernand, 1891, p. 16. Em 106 Trajano fez uma terceira distribuição aos plebeus, superior às duas anteriormente realizadas. Antes das Guerras Dácias Trajano não tinha o que prometera: rações ao povo e donativos aos soldados. PARIBENI, R. — *Optimus Princeps*. Messina, 1926 (micro-filme), vol. II, cap. XIX, pp. 217 a 238, descreve a prosperidade atingida à época de Trajano.

(5) — “Tabula Peutingeriana”. In *Historia Universal*. Madrid, Espasa-Calpe, vol. 2, p. 509 (fac-símile de parte do original). Em conjunto o mapa oferece uma imagem grandiosa do tráfico mundial romano desde a Índia e Ceilão até as Colunas de Hércules e desde o Saara até a barreira de Adriano no norte da Britânia. Uma estrada vinha dos Cárpatos e atravessando o interior da Dobrógea dirigia-se para o mar até Istria e Tomi. FLORESCU, G.; GLORESCU, R.; DIACONU, P. — *Capidava*, I, p. 257. MITREA, Bucur — “Monnaies des villes de Dyrrachium et d’Apollonie découvertes en Moldavie”. In *Studii si Cercetari de Numismatica*, II, p. 92. HERODOTO, IV 24. Relações comerciais dos gregos do Ponto Euxino. PRISCIANO — *Institutiones Grammaticae*, VI, 13. Apud PARIBENI, R. — *Optimus Princeps, Saggio sulla Storia e sui tempi dell’Imperatore Trajano*. Messina, 1926. Microfilme, vol. I, p. 241 — Estrada percorrida pelo exército de Trajano. FILLIOZAT, Jean — O intercâmbio entre a Índia e o Império Romano durante os primeiros séculos da era Cristã. *Revista de História*, São Paulo, vol. 23, pp. 59 e ss., 1961. SOIAN, Iorgu — *Tomitana*. Bucareste, Ed. Academia da República Popular Romena, pp. 253 a 264. O tráfico pelo Danúbio é nitidamente atestado na primeira faixa da Coluna Trajana. DAICOVICIU, C. & DAICOVICIU, H. — *Columna Lui Traian*, Bucareste, Ed. Meridian, 1968. A cena 65 nesta obra revela o transporte de objetos preciosos (vasos de ouro e prata) de Sarmizegetusa.

(6) — LEPPER, F. A. — *Trajan’s Parthian War*. London, Oxford University Press, 1948, p. 158, admite que Trajano antes de conquistar a Dácia planejara a conquista da Pártia.

Por estes poucos dados já se pode perceber a importância da conquista das regiões geto-dácias. A resistência deste povo foi tão tenaz que impressionou não só aos historiadores mas os próprios romanos que a imortalizaram na Coluna Trajana e no monumento de Adamclisi.

O processo de organização oferecido pelos romanos pode ser dividido da seguinte forma: primeira fase que começa em 101, logo depois da penetração das tropas romanas, com as primeiras implantações sobretudo em locais estratégicos: na Oltênia (Drobeta), no Banato (talvez Dierna) e dura até 117 quando Hadriano toma as últimas medidas de ordem administrativa e militar para dividir a Dácia em duas unidades administrativas: Dácia Superior e Dácia Inferior. Trata-se de um período agitado, mas constrói-se Ulpia Trajana-Samizegetusa, inicialmente Colônia Ulpia. O período de 117 até a época dos Severos caracteriza-se pelo desenvolvimento das primeiras cidades e fixação das guarnições. Tem lugar, nesta fase, um progresso característico, baseado na prosperidade local. A Província Dácia chegou a ter vida romana intensa e que foi integrada à área da grande cultura mediterrânea por intermédio do Império Romano (7). Sem dúvida a Dácia apresentou suas particularidades que se explicam ao nosso ver: 1) pela gênese própria à região cárpato-danubiana e regiões vizinhas com as quais ela teve contato desde a Pré-História; 2) devido à situação geográfica específica que a Dácia ocupava ao nordeste do Império, assim como suas próprias condições naturais; 3) face às interações típicas entre as estruturas econômico-social, política e ideológica dácias e as respectivas estruturas romanas, de sua época clássica — dinastia dos Antoninos. As fontes revelam que o sistema escravista em sua forma clássica, isto é, onde o trabalho escravo e a base da produção estabeleceu-se na parte do território dácio ocupado pelos romanos.

Não cabe dúvida que tanto acontecimentos internos como as repetidas invasões dos povos migratórios do século III. em especial os cárprios e godos, diminuem o ritmo de desenvolvimento, provocando destruição das localidades e das estruturas produtivas da província. As investigações arqueológicas têm comprovado o surpreendente restabelecimento que teve lugar após estes trágicos acontecimentos (8), mas o reflorescimento vê-se bruscamente truncado pela retirada da administração e das tropas (270-275) e, sem dúvida, por uma certa fuga dos elementos organizativos da economia, uma diminuição da circulação econômica e uma involução do desenvolvimento local. Igualmente as informações arqueológicas permitem constatar, por um lado, uma continuidade da maioria dos centros urbanos do interior da Dácia,

(7) — FLORESCU, Radbi — “Les Daco-Romains”, in *Stramosii Romanilor*, vol. II (de comentários), p. 19. “Nous devons en effect nous demander pourquoi, entre les deux tendances, celle de la culture méditerranéenne d’élargir sa base économique et de s’assurer un développement sur des aires de plus en plus vastes et l’autre, celle du peuple dace, d’assimiler la culture méditerranéenne, ou, plus précisément, de développer sa propre culture au niveau de la haute culture méditerranéenne, la victoire fut à la première”.

(8) — Idem, p. 20.

e, por outro lado, a autoridade romana mantendo-se, com formas urbanas desenvolvidas, às margens do Danúbio, e, inclusive, no sudoeste da província, com certo aprofundamento para o interior (9).

O fato de que elementos da cultura material dácia sejam encontrados em acampamentos romanos na Dácia, assim como em estabelecimentos civis (10), indica que a conquista não colocou os dácios numa posição de marginais na vida da província, mas que foram integrados nas novas formas administrativas e sócio-econômicas, das quais eles participaram ao lado dos diferentes grupos de colonos, soldados e administradores romanos estabelecidos naquela província.

No momento da conquista romana a Dácia conhecia uma sociedade dividida em classes e a instituição da escravidão. Numerosos escravos eram utilizados na edificação das grandes construções militares e na agricultura, ou eram vendidos no estrangeiro. A sociedade dácia praticava uma escravidão do tipo doméstico, porém somente após a conquista romana é que se pode falar no escravismo como modo de produção. A necessidade de explorar as importantes riquezas minerais e agrícolas dácias contribuiu para isto.

II

As únicas fontes de que dispomos hoje para a reconstrução da História da escravidão na Dácia Romana são os 152 textos epigráficos (III parte deste trabalho). Nem todos constam do CIL III. 41 inscrições encontram-se desaparecidas (provavelmente face às conturbações das 2 grandes guerras mundiais; felizmente os estudiosos do século XIX e início do XX haviam transcrito), 3 afundaram no Danúbio por ocasião de seu traslado a Viena, 10 estão em local ignorado ou duvidoso para D. Tudor (quem transcreveu os textos).

A maioria das inscrições sobre escravos e libertos da Dácia Romana que se conservaram são honoríficas, votivas ou funerárias. Os documentos que levam os números 118, 119 e 120 são contratos de compra-venda de escravos, inscritos em tabuinhas enceradas. O de nº 121 é o contrato da constituição de uma sociedade comercial e constava em tabuinhas enceradas trípticas, das quais se conservam as duas primeiras.

As inscrições da Dácia fazem menção 100 vezes a escravos e 85 a libertos. Citam 83 escravos e 17 escravas (24,8%); 74 libertos e 11 libertas (14,8%); 17 menções a crianças (menos de 15 anos); 51 são escravos privados e 49 públicos.

(9) — Ibidem.

(10) — POPESCU, D. et alii — *Le chantier archéologique du Tîrgsor*, Materiale, VII, 1961, pp. 637-638. GHIRIIA, Eug. & CUDEA, N. — *Le chantier archéologique du Bologa*, Materiale, 1973, p. 115. GUDEA, N. — *La céramique dace du camp roumain de Bologa*, AMN, VI, 1969, pp. 503 e ss. TUDOR, D. — *Quelques problèmes de l'époque romaine*, Buridova, I, p. 30. BĂRZU, Ligia — *La continuité de la création matérielle et spirituelle du peuple romain sur le territoire de l'ancienne Dacie*. Bucarest, 1980, pp. 30 e ss.

O imperador era o principal proprietário de escravos; vêm em seguida os diferentes *condutores*, a “aristocracia” municipal, os veteranos, as cidades, os templos, etc.

Quarenta e oito são nomes latinos (Aliano, Lélix, Iustino, etc.); 39 são gregos (Pássia, Theódota, Eútiques, Hylas, etc.); 3 são nomes traco-getas (Apulense, Butes, Dudes); 5 apresentam diferentes origens: Breuco (ilírio), Ciodi (?), Iarse (púnico), Syrilio (oriental), Synda (cético ou ilírico) (1). É preciso levar em conta que nem sempre os nomes concordam com a nacionalidade dos escravos; muitas vezes lhes são conferidos de acordo com a vontade do senhor. Exemplo típico é o da menina escrava, Pássia, que era *sportelaria* (abandonada pelos pais e encontrada pelo vendedor). Não era, pois, possível conhecer a sua nacionalidade. Deram-lhe um nome grego (doc. 119). Os nomes dos escravos e libertos que figuram nos documentos ligam-se à mitologia, ao reino animal, às plantas, etc. A maioria desses nomes é derivada de substantivos indicando a riqueza, particularidades físicas, atributos espirituais, etc (12).

A riqueza do solo e do subsolo e a complexidade do aparelho administrativo indicam que, na Dácia Superior (137 testemunhos epigráficos) a escravidão atingiu mais alto grau que na Inferior (14 testemunhos epigráficos). A maioria das inscrições relativas aos escravos foi encontrada em cidades que atingiram uma situação econômica desenvolvida, tais como *Sarmizegetusa*, *Apulum*, *Ampelum*, etc (13).

As guerras de Trajano pela conquista da Dácia foram “duras e sangrentas”. Os romanos capturaram numerosos prisioneiros fazendo-os explorar as riquezas da província ou os deportando. Foram enviados a Roma para o combate nos circos, para trabalhar na construção do Forum de Trajano, ou para serem vendidos como escravos; alguns chegaram a ser incorporados ao exército romano. As inscrições descobertas na Itália e em províncias mencionam nomes de descendentes deportados (14). Por ocasião de suas guerras contra os imperadores Domiciano e Trajano os dácios também capturam escravos em território romano (15).

(11) — TUDOR, D. — *Istoria Sckavajului în Dacia Romana*, Bucaresti. Republicii Populare Romine, Ed. Academiei, 1958.

(12) — Idem, p. 35.

(13) — DAICOVICIU, C. — *La Transylvanie dans l'Antiquité*, Bucarest, 1945, pp. 99 e ss. (microfilme): A Dácia Inferior compreende a Oltênia, limitada pelos Cárpatos, o Danúbio e o Olt, mas a linha dos Cárpatos é ultrapassada a este e os territórios ao sul e a este do Olt transilvano são também englobados. Para noroeste a Dácia Inferior se estende ao Banato de sudeste. O resto da Transilvânia e do Banato pertencem à Dácia Superior, limitada a este pela linha inferior dos Cárpatos e ao norte pelo rio Somes. A fronteira ocidental é incerta; estaria situada, sem dúvida a oeste de Porolissum (Moigrad), Resculum (Bológa) e de Mícia (Vetel) e compreendia a oeste uma importante zona de influência. No Banato é o Tisa que forma a fronteira ocidental. Em 158 (época de Antonino Pio a Dácia é dividida em 3 partes, provavelmente face às incursões dos “Dácios livres”. A residência dos legados da Dácia Superior é Apulum; da Dácia Inferior, provavelmente Drubeta.

(14) — TUDOR, D. — *Op. cit.*, p. 287.

(15) — PLÍNIO-o-Jovem — *Epistolae (ad Traianum)*, 74. Tal é o caso do escravo Calidromo que Plínio cita.

Estamos tratando de uma categoria privilegiada de escravos dos romanos; eles conseguiram fundos suficientes para erguer monumentos. É evidente, porém, que a maioria dos escravos era a utilizada em todos os tipos de trabalhos físicos. Infelizmente, sobre estes não nos restam documentos diretos.

A documentação agora em apreço, por exemplo, menciona pessoas ligadas à administração das minas, mas nada diz dos que morriam cedo, “vivendo sempre sob a terra, na escuridão, num trabalho violento, sendo a sede de ouro ainda maior ...” (na descrição de Plínio-o-Velho) (16).

Quarenta das inscrições dão notícias de diferentes funções — por vezes muito importantes — exercidas por escravos e libertos na administração provincial e no manejo de negócios de particulares. Consideramos que o estudo atendo-se a formas de atividades dos escravos põe em foco formas de relações de produção.

Os escravos de que tratam os documentos destacam-se tanto da “massa” escrava como da provincial peregrina. São pessoas de confiança do Imperador, de particulares ricos ou de médias posses (incluem-se nestes últimos ex-legionários). Por vezes quando o grau de confiança com o senhor é maior chegam a usar o pronome possessivo “seu” (escravo) e omitem o título que identificaria a sua função.

A recente e monumental obra que vimos citando: STRAMOSII ROMÂNILOR (nota 2) apresenta documentos de que a exploração econômica na Dácia, sob os romanos, tanto a de metais preciosos como a agrícola toma forma “científica”. Para tanto, Trajano trouxe gente experiente como os mineiros dálmatas que se tornaram na maioria escravos públicos (pertencentes ao Estado Romano). Antes haviam pertencido a seus reis e simplesmente passaram do patrimônio de um Estado a outro (17).

A administração das minas era realizada por um *procurator aurarium* que normalmente era um liberto do Imperador (Doc. 83). Sob suas ordens estavam muitos *sub procuratores aurarium* (doc. 64), e numerosos burocratas: *tabularii aurarium dacciarum* (doc. 90) e *adjuores tabulariorum* (doc. 88) (18). Interes-

(16) — *Histoire Naturelle*, XXXIII, 21, 4. Paris, Ed. Panckoucke, 1833, tomo 19, pp. 51 e 52. — O trabalho nas minas dácias era de tal ordem que depois de três dezenas de anos precisaram empregar assalariados. Os escravos estavam liquidados. Sobre a situação destes assalariados nos ensina SCHTAJERMAN, E. M. — *El regimen esclavista*. Buenos Aires, Ed. Cartago, 1965, p. 144: “Por um ano de trabalho nas jazidas de ouro da província romana Dácia (atual Romênia) pagavam 50 denários, quer dizer, o mesmo que os romanos ricos pagavam por um par de pombas de boa raça”. Verdadeiramente a “classe” pobre não diferia muito dos escravos de trabalhos braçais, pelo menos quanto ao nível de vida.

(17) — XENOPOL, A. D. — *Histoire des Roumains de la Dacie Trajane*. Paris, E. Leroux, 1896, 2 vols., vol. 1, p. 88.

(18) — CIL III, 1305 (88 na relação anexa), Leonas é liberto do Imperador e modesto “*adiutor tabularii*”, dirige-se a Silvano, que se tornou a divindade protetora da pequena propriedade.

sante é o documento 86 (CIL III, 1307), ensina-nos sobre pequenos arrendatários das minas *leguli aurarium*. Eles aparecem unidos a escravos e libertos para homenagear a esposa do Imperador Vero (Lúcio Aurélio), que governou associado a seu irmão Marco Aurélio. Lucilia (Annia Aurelia), a quem foi oferecido o monumento, esposa de Vero, era filha de Marco Aurélio. Tudo faz crer que era pessoa de forte personalidade pois participou de uma conjuntura contra seu irmão Cômodo, pelo que foi desterrada a Capri e logo executada. Os escravos citados neste documento, juntamente com libertos e pequenos arrendatários certamente estão entre os privilegiados que faziam parte da administração das minas. O doc. 152, descoberto em 1910, foi estudado pelo lingüista I. I. Russu, que comunicou o texto a D. Tudor. Neste documento aparece Suriaco (que é um nome oriental — semítico, segundo Russu). Ele é "*Augusti nostri dispensator auriarum*". Seu nome grava-se na pedra ao lado do de um procurador das minas. Suriaco é um dos funcionários que se enriqueceram no cargo. Tem pecúlio e família (faz o oferecimento "com os seus"). A data da inscrição pode ser confirmada por intermédio do nome dos cônsules (215). Isto confirma que continuaram na exploração das minas mesmo depois das destruições das guerras dos marcomanos.

A função de *actor* aparece nas inscrições sendo realizada exclusivamente no serviço dos proprietários particulares (docs. 48, 50, 110, 121 e 150). Eram selecionados pelo patrão entre os escravos inteligentes, trabalhadores e de confiança (19). A função de *actor* englobava diferentes ocupações (20). Confiava-se-lhe a direção de diversos serviços, onde o escravo verdadeiramente substituiu o senhor, como por exemplo: na administração de uma propriedade agrícola, na supervisão dos trabalhos de uma "indústria", numa loja, e até na manipulação de dinheiro em diversas operações financeiras, conforme se constata pelo documento 121. Em Roma constata-se a importância determinante do Banco, da Bolsa, das Sociedades por ações. O documento 121 revela relações financeiras na Dácia e o alto juro que deveria pagar quem agisse de "má fé" na sociedade comercial.

Observa-se o grande número de documentos de Apulum que mencionam *actor* (administrador). Nesta cidade concentrava-se gente rica: grandes proprietários de terras, de lojas, etc. Naturalmente eram também os grandes proprietários de escravos. As famílias de cavaleiros: Antípater e Marcelo, aparecem à frente como donos de escravos. Em duas inscrições honoríficas relativas a estas famílias vem mencionados como *actores* os escravos: Dades e Filetos. Aparecem eles como

(19) — UTCHECO, S. L. — "Clases y estructuras de clases en la sociedad esclavista antigua". In *El modo de producción esclavista*. Madrid, Akai, 1978, pp. 215-224: Utchenco divide a sociedade escravista em homens livres e escravos. Os livres dividem-se, tanto na Grécia como em Roma, em duas classes: os grandes proprietários de escravos e os pequenos produtores (estes considerados como sobrevivência do regime anterior). Mas termina o trabalho dizendo que "todo o exposto não pretende oferecer solução ao problema amplo e complexo das classes e estruturas de classes na sociedade escravista antiga".

(20) — CICCOTTI, E. — *Il Tramonto della Schiavitù nel Mondo Antico*. Udine, 1940, p. 418. CHRISTESCU, V. — *Viata economica a Daciei Romane*. Pitesti, 1979, p. 51, trata do *actor* Ático (doc. 150).

gente de confiança das famílias mencionadas (docs. 55 e 56) (21). Um outro *actor* da família Antípater de Apulum foi Onésimo. Trata-se de pessoa de muita confiança do patrão Públio Élio Antípater (doc. 54). Onésimo agradece a Zeus, Máximo, Conservador. (Dispomos de dados fornecidos por 62 inscrições para conhecer as divindades que adoravam os escravos e os libertos na Dácia. Elas indicam que os deuses oficiais do Estado eram adorados em nome do senhor. Ao contrário o panterão dos escravos dava um largo espaço às divindades populares, àquelas que protegem a saúde e às divindades importadas do Oriente). O documento 124 mostra-nos um outro *actor* (o 4º) da família em apreço; trata-se de Eútiques que cumpre ex-voto a Hércules nas termas de Herculano, onde Antípater, certamente, procurou curar-se. Eútiques (Fortunatus) é um nome sem dúvida significativo. É visível a importância que este escravo teve para o patrão e a confiança que lhes inspirava.

Um outro administrador é Hermádio (de Tibiscum) (doc. 110) que se dirige a Mitra (22), em nome de seu patrão, Turrânio, em intenção de um parente ou associado deste, Públio Marso.

O contrato de uma sociedade comercial, datado de 28 de março de 1897, menciona um escravo *actor* — Secundo — que representa o seu senhor em negócios (23). Trata-se de operações financeiras, provavelmente emprestava-se dinheiro a juros aos mineiros dos montes Apuseni.

Aedituus indica guardião de templo. No documento 100 Sirilião, que viveu 78 anos, aparece como guardião do templo em Ampelum. Ele teria feito parte da *familia publica* e custodiava todo o templo dedicado ao culto do Imperador (24). Seu filho, Liberali, libertado do imperador, e sua nora, ergueram o monumento.

(21) — GAGÉ, Jean — *Les Classes Sociales dans l'Empire Romain*. Paris, Payot, 1971, pp. 113 e ss. “A vrai dire, l'ordre équestre des deux premiers siècles contient implicitement ces deux vocations, une vocation civile, une vocation militaire...”, p. 119 (É o que se constata nos documentos em estudo).

(22) — DRIOTON, Étienne et alii — *Les Religions de l'Orient Ancien*, pp. 133-134: “Mitra é um deus indo-iraniano. É um guerreiro montado em cavalos brancos (associação solar), mas especialmente como o pede o seu próprio nome, ele é o amigo, o guardião do contrato”. Sabe-se que por ele juraram os persas e era o deus dos guerreiros. Transladou-se da Pérsia, pela Armênia, para Oeste e se propagou como culto de mistérios (desde 70 a.C.) por todo o Império Romano, onde era o deus Sol, e seus mistérios iam acompanhados de muitas mortificações e purificações em grutas subterrâneas. Sendo os templos pequenos deduz-se que os círculos dos iniciados eram pouco numerosos. Nos altares se representava a figura de Mitra como um belo jovem, o deus Luz, mediador entre o homem e o Ser Supremo, dando morte ao touro, “cujo sangue é a fonte da vida”.

(23) — Aqui o escravo aparece como o instrumento jurídico do senhor. Ele funciona *ex-persona domini*. Na operação do documento 120 o escravo opera em situação que supunha compromissos recíprocos. Aparece, pois, como uma “máquina inteligente”. O Direito Privado romano confere-lhe essa faculdade. Sobre *mensa argentaria*: XENOPOL, A. D. — *Histoire des Roumains*, vol. I, p. 195.

Arcarius (arca, caixa de dinheiro) indica atribuição de tesoureiro, em ofício público. Para a Dácia aparece uma única menção a este cargo. Encontramo-la em Sarmizegetusa (doc. 20). Porque foi feito o monumento não se pode discernir. O fato é que Januário, o escravo por quem se pede é *ex-arcario* (portanto lidara com dinheiro) é escravo do imperador, casado com uma liberta (Vita Treptes) (25) e que o casal foi honrado por uma pessoa de condição livre: Flávio Bético.

As poucas notícias que se tem de *Arcarius* não podem ser motivadas por esta função ser considerada menor na hierarquia do serviço público. Encontra-se *arcarius* nos diversos escritórios nos latifúndios como administradores do patrão, na administração das minas, nos ofícios financeiros subalternos dos tesouros (alfândega, salinas, etc.). Encontramo-los após, como guardas dos tesouros dos templos e na armada.

Contrascriptos (*contrascriba*, verificador de documentos). Temos um único documento, em Dierna (doc. 108). Belinos, o autor da inscrição, faz parte de outros serviços (alfândega): arrendados pelo patrão nos anos 146-158. É o que N. Gostar depreende de outras inscrições (26). A missão de *contrascriptor* é a de verificar a exatidão dos cálculos dos registros de alfândega (*statio portorii*) feito por funcionários superiores, também escravos.

Dispensatores (dispenso = distribuo) realizam contas, são tesoureiros. Em 6 inscrições todos são escravos da família pública. Calisto (27) conhecido em Apulum e Ampelum é casado com Cornélia e tem filhos (docs. 60, 96). A presença de Calisto nestas duas cidades pode indicar que a sua função estivesse ligada às minas de ouro. Em Sarmizegetusa aparecem dois *dispensatores*, Diógenes (doc. 21) e Ampliato (doc. 22). *Dispensator Vikarius*, indica substituto (doc. 62).

Uma observação geral mostra que os “dispensadores” alcançam boa posição econômica o que, naturalmente, liga-se ao ofício por eles exercido na exploração aurífera ou na administração de uma capital (Sarmizegetusa e Ampelum). Provavelmente todos eram *Augusti vernæ* (nascidos na casa imperial). Os escravos *dispensatores* exerciam função envolvendo muitas atividades: contabilidade, cobradores e pagadores; trabalho que, por vezes, confunde-se com o de *arcarius*, *actor* e *vilicus*. Eram selecionados entre os escravos mais bem dotados da *familia urbana* ou *rustica*. As diferentes atividades por eles executadas dependiam da importância do local em que trabalhavam: administração, alfândega, etc. O certo é que foram favorecidos pela riqueza, mas tinham grandes responsabilidades. Gente livre que ocupava essa função eram antigos escravos. Ao que tudo indica, sabiam utilizar o furto e a fraude para enriquecer.

(24) — TUDOR, D. — Op. cit., p. 109.

(25) — Nome grego que se identifica com *Verna* e que figura entre os libertos. TUDOR, D. — Op. cit., 127.

(26) — GOSTAR, N. — *Vamile Daciei*, p. 166.

(27) — Calisto, nome grego que significa “muito formoso”.

(28) — Diógenes, nome muito comum para escravos (palavra grega que indica “nascido de Zeus”).

Encontram-se *servi publici* nos escritórios do Estado, *tabularia* (de tabula = tabuinha de escrever). Existiam grandes escritórios em cidades importantes onde se guardavam os registros: tributos, alfandegários, cadastros, atos administrativos, recenseamento (*a censibus*) e em geral qualquer coisa passível de ser arquivada. Cada província tinha na capital um *tabularium centrale* que recolhia os documentos de outras localidades, no âmbito da província. Existiam “tabulários” especiais para os diversos tipos de ofícios. Um grande papel tinham os *tabularia Caesaris* (ou *principis publica*) da capital provincial onde se guardavam os registros do fisco, domínios imperiais, impostos diretos e indiretos, etc. (29). O pessoal deste ofício compunha-se de um chefe (*praepositus tabularum* ou *princeps tabularii*), nunca escravo e liberto ou pessoa ingênua, ajudados por diferentes espécies de *tabularii* (escravos ou libertos), como os *adiutores tabularii*, principalmente escravos, por vezes organizados em *collegia* (30). *Tabularii* eram em primeiro lugar os que trabalhavam nos registros em tabuinhas enceradas, papiros ou pergaminhos e formavam um conjunto de funcionários subalternos. A maioria era escravos públicos ou libertos, exercendo diversas funções ramificadas: *adiutores tabularii*, *librarii*, *scribae*, etc. A função de *librarius*, por sua vez, também apresenta ramos especializados (31). Nemesiano (doc. 24) aparece como *librarius*. Ele era “*Caesaris nostri servus*” e adquiriu dinheiro suficiente para levantar, por sua conta, um templo à Virgem Celeste Augusta. Nemesiano não é, pois, o exemplo de um modesto funcionário, copista ou calculador, trata-se, provavelmente, de agente que impunha os valores das propriedades, atribui e recebe impostos, o que lhe teria permitido erguer o templo “com o seu próprio dinheiro”. O escravo do doc. 23, Valentino (ou Pontiniano) é *librarius ab instrumentis censualibus*. O termo *instrumenta* indica documentos públicos ou privados, passíveis de serem arquivados e cuja custódia recaía sob escravos ou libertos. *Census*, príodoco, estabelecia o rol das contribuições, bens, etc. Um contrato de compra-venda de uma casa em Alburminius Maior registrado em tabuinha de cera (6 de maio de 159), indica que a operação de censo fora realizada na Dácia, e se previa outra.

“*Verna ab instrumentis tabularii*” aparece em inscrições de Ampelum. Era Fuscino, que viveu “sem querelas” com Soccia Sabina, de condição livre (doc. 94). A função de Tímocles, em Potaissa (doc. 102), é identificada com a de Fuscino. Tímocles trabalharia num escritório de mineração (32); morreu em Potaissa e foi enterrado pela tia, Bona, “*Caesaris nostri serva*”.

A função de *scriba tabularii* foi exercida por Synda, em Sarmizegetusa. Trata-se de modesto funcionário inferior a *librarius*. *Scriba* é uma função corrente

(29) — Na Dácia havia em Apulum e Sarmizegetusa.

(30) — Traduzimos *adiutores tabularii* por auxiliares de escritórios. WESTERMANN, William L. — *The slave system of Greek and Roman antiquity*. Philadelphia, Philosophical Society, 1955, pp. 108 e ss. trata das relações entre escravos e *collegia*.

(31) — Traduzimos *tabularius* e *librarius* por escriturários; os diversos ramos e sub-ramos não são sempre possíveis de discernir. Quanto a *librarius ab instrumentis censualibus* (doc. 23) traduzimos por escrivão das arrecadações. XENOPOL, A. D. — Op. cit., I, p. 163.

(32) — TUDOR, D. — Op. cit., p. 113.

na administração do Estado, dos Municípios e do Exército. São simples registradores, contadores (doc. 52) (33). O doc. 95 coloca em foco um mais modesto trabalho: *subsequens librarium* que foi exercido em Apumum, por um *verna*, menino de 15 anos, chamado Iustino. Isto revela que se iniciava no trabalho público com pouca idade; com o tempo poderiam ir subindo a outros cargos.

Adiutores Tabularum, docs. 16, 17, 18, 19, em Sarmizegetusa, e doc. 97 em Ampelum (este fragmentário). São funcionários subalternos, por isso achamos conveniente traduzir por “auxiliar de escritório”.

Superimentarius é o superior dos estábulos, encarregado dos jumentos. Libela é um deles. Adorava Epona (ou Hipona), divindade protetora do gado cavalariço e dos estábulos; de origem céltica. Seu culto estendeu-se a Roma na época imperial. Libela estava ao serviço do governador da província Caio Setímio Castino, nos anos 214-217 (doc. 76). *Iumentum* são os animais necessários a exército; utilizados eles próprios como meios de transporte, ou atrelados a veículos. *Superimentarius* era atividade exercida por funcionários do governo ou de particulares. Geralmente era um escravo ou liberto. Libela exerceu essa função como *servus privatus* do governador ou como *servus publicus*. Sabe-se que tal atividade exigia que se mantivesse o registro dos animais; portanto não poderia ser exercida por um escravo comum.

Vicesimarius são os agentes recolhedores dos 5 por cento. No doc. 8, de Rômula, o escravo Hylas (34), adorador das Ninfas, realizava este trabalho. O total do imposto era recolhido por vários escravos e libertos que nunca poderiam saber o montante do que recolhera Hylas; imposto sobre as heranças (?), sobre as manumissões (?). Temos conhecimento da *statio portorii* que funcionava em Rômula; mas faltam fontes que nos esclareçam quanto ao sistema de organização alfandegária. Sabe-se que ao tempo de Cômodo (180-192) libertos foram incumbidos desta função (doc. 125).

Possuímos 12 documentos sobre *villici* ou *servi villici*. Dois são fragmentários (doc. 26, de Sarmizegetusa e 105, encontrado em Potaiça). Na história da escravidão romana *villicus* possuía um sentido duplo. Depende da época de que se trata e do local de trabalho. É conhecida a importância do trabalho deste tipo de escravo nos grandes domínios, com muitos escravos. Em todos os tratados dos agrônomos latinos, há capítulos especiais relativos à supervisão do senhor e ao trabalho dos *villici* (35). Nos domínios menores exerce concomitantemente as funções de *actor* e *dispensator*. Um escravo que soubesse ler e fosse da confiança do senhor poderia administrar todo um domínio. O papel desta função aparece mais nítida nas informações epigráficas relativas à África Romana. Aqui trabalhavam

(33) — Traduzimos por escriturário.

(34) — Nome grego que indica “conservador das florestas”.

(35) — *Les Agronomes Latins: Caton, Varro, Columelle et Pline le Jeune*. Trad. Nisard. Paris, 1844. Catão: II — *Patris familias officio*, trata da supervisão exercida pelos patrões, p. 2, e CXLII: *Villici officia*, p. 39; Columela I, p. 6, p. 180.

diretamente com o patrão Itifundiário, arrendatário (*conductor*). Para a Hispânia são três as informações epigráficas (36). O registro das contas da administração agrícola, a supervisão era, idealmente, executada pelo próprio senhor conforme nota 35. Repartia a corvéia pelos colonos, recolhia as quotas da produção, etc. O norte da África era a região dos grandes domínios e à disposição do *villicus* encontram-se muitos escravos funcionários. Para melhor ligá-lo ao serviço permitia-se-lhe ter uma esposa: *villica*. Trata-se de uma função que exigia uma personalidade muito especial, capaz de castigar os escravos sem piedade e até matar. Sabe-se que os agrônomos recomendaram medidas que permitiriam maior produtividade como dividir os escravos por equipes dirigidas por monitores (37). *Villicí* na *familia urbana* são administradores de imóveis, agentes públicos ou particulares.

Por *Portorium* entende-se: a) a alfândega costumeira (taxas para mercadoria e visitantes, taxa de barreira à entrada de uma cidade, taxa de circulação nas estradas principais e na passagem de pontes; 2) os tributos dos provinciais (vectigal). A Dácia e outras províncias vizinhas compreendiam: *Publicum Portorium Illyrici*. De Trajano a Marco Aurélio a arrecadação se fez por sociedades de *conductores* (2-3 pessoas). Sob Marco Aurélio e Cômodo faz-se a percepção direta por funcionários do Estado, sob a direção de *procuratores Augusti*. Escravos que trabalhavam neste serviço vemos nos documentos: Seghedin (131), Dierna (123), Ponte Augusta (106), Drobeta (1), Sucidava (9), Porolissum (114). *Servi villici*, funcionavam como chefes de estação "*portaria*". Eram, em realidade, privilegiados. Naturalmente um chefe de estação era pessoa de confiança do patrão e tinha mais liberdade no seu serviço do que outros escravos. Podia ficar rico. Com dinheiro próprio ergueram monumentos, santuários; puderam constituir família. Tudo indica que praticaram venalidades e fraude no serviço público.

A primeira sociedade de *conductores*, na Dácia foi formada por Tito Julio Saturnino (doc. 123), C. Antonio Rufo e M. Antonio Fabiano (entre os anos 146-158). Dois escravos — Vero e Romano — nascidos na casa do imperador, rogavam a Isis (?), em Ampelum, pelo bem estar de Marco Julio Apolinar (este, provavelmente, *procurator Augusti*) (doc. 93).

(36) — Na Hispânia citam-se *villici* três vezes em inscrições: CIL, II, 1552, 1742 e 1180.

(37) — Columela, I, 8-9: ressalta a melhoria da produtividade pela divisão dos escravos em equipes; o que seria favorecido pela emulação. Pretendia evitar a "incuria de escravos que deixavam o gado morrer de fome, trabalhavam mal a terra e prejudicavam de todas as maneiras os interesses do patrão" (COLUMELA, I, 7). KOUXCHTCHINE — "Normas y grados de la explotación del trabajo de los esclavos", in *El modo de producción esclavista*, pp. 33 e ss., crê que a produtividade foi aumentando pela simples cooperação, pelo melhoramento das ferramentas, seleção de plantas, rotação, etc. Diz este especialista em agricultura romana, que um único escravo trabalhava 40% a menos que um homem livre; mas 12 a 14 escravos faziam produzir 200 jeiras (correspondia, pois, para 1, 14 a 17 jeiras). Um homem livre, com sua família trabalhava de 4 a 14 jeiras. Sobre escravos na agricultura não temos notícias na Dácia; aliás os documentos são escassíssimos sobre todas as "classes" pobres.

Nos documentos 25, 122, 131, aparecem outros *servi villici*. O que leva o nº 106 indica que estes funcionários poderiam subir na função: Félix (escravo do documento) foi substituído (*vikarius*) em Micia e veio ser *servus villicus* na estação da Ponte Augusta. O documento com o nº 134 nos dá a idade do *servus villicus*, Escauriano: 23 anos.

No documento 50, Aliano não chegara a completar 7 anos; era, pois, cedo para atribuir-lhe função, mas seu pai era liberto e ajudante nos registros. D. Tudor pensa que Caro (doc. 34) também era uma criança (38).

Augustais (doc. 15), ergue monumento à sua esposa, escrava Hygia. Os Augustais tinham também função administrativa. Os docs. 98-99 (de leitura imperfeita), parecem indicar escravos ligados à administração das minas (39).

O doc. 115, de Pololissum, é sugestivo: Peregrino, escravo, é proprietário do escravo Eufemo. Isto indica que alguns escravos chegaram a uma situação material boa. Exemplo disto seria o escravo Vitorino, de Ampelum (doc.79). Invoca a deusa Diana e tornou-se escravo de confiança. Ele era *servus actor*, ou *villicus*, utilizados por proprietários de escravos muito ricos. Vitorino nem coloca sua função como ordinariamente se faz.

Um outro documento que revela por si mesmo a boa situação em que se encontravam alguns escravos é o que leva o nº 117. Breuco, o escravo que ergue o monumento tem uma esposa de condição livre: Arria Mama, de Alburnios Maior. Breuco aparece sem “senhor”, pela localidade onde foi encontrado o monumento pode ser identificado como um servo público da administração das minas que conseguira guardar dinheiro suficiente para levantar monumento.

O escravo Rufino (doc. 57) é de fato um *actor*. Seu patrão, cavaleiro, tinha muitas funções e Rufino deveria estar envolvido com os complicados arrendamentos de imposto. O interessante é que Rufino, como para esconder seu estado de escravo, omite sua função e coloca um pronome possessivo que indica ser de confiança do patrão: “seu escravo”. Cláudio Rufino, que aparece no doc. 132, e pelo qual seu escravo Myro pede pela sua saúde, pode ser o *actor* do doc. 57.

A união do escravo (*contubernium*) é um fato (doc. 111) e aparece tanto nas cidades como no interior. Sob Marco Aurélio foi considerado jurídico todo o *contubernium*. Uma esposa escrava não poderia mais estar em lugar diferente e se introduz nas inscrições o termo *coniux* em lugar de *contubernalis* (40). Mui-

(38) — Idem, p. 122.

(39) — Ibidem.

(40) — CICCOTTI, E. — Op. cit., p. 382. WALLON, H. — Op. cit., p. 206. PLUTARCO — *Vida de Catão*, XXI. Catão, no século II a.C., dispusera que os escravos, “por certo dinheiro se juntassem com escravas, sem conviver nunca, nenhum deles, com outra mulher”. VARRÃO, II, X.: propõe que se associem mulheres aos pastores. Faz referências a tais mulheres na Ilíria.

tas dentre as inscrições Dácias datam do tempo do imperador filósofo. No doc. 2, Fileto é o “casado” com uma peregrina (41). O documento não indica a função do escravo nem especifica o que fazia o seu senhor. É possível que o patrão apenas visitasse Drobeta (local do documento) esporadicamente o que daria oportunidade ao escravo de enriquecer.

Dos 38 documentos que indicam a função dos escravos, 10 pertencem à *família publica* e 28 à *família privada*. Nesta o patrão, por vezes, exerce até várias funções públicas (doc. 57) e o seu escravo age também nos negócios públicos, sendo escravo particular. Os escravos da *família privada* que aparecem nos documentos muitos servem além dos ricos senhores de negócios que colocam dinheiro a altos juros (doc. 121), aos ricos proprietários de terras, ou mesmo a proprietários médios, veteranos, notadamente, que administram suas terras assistidos por um escravo mais hábil.

Não gostaríamos de encerrar sem um destaque a três contratos de compra-venda de escravos: docs. 118, 119 e 120 (42). Estes documentos são da máxima importância, no gênero, são quase únicos. Foram gravados em tabuinhas enceradas. São eles, geralmente, comparados aos papiros do Egito que registram este tipo de transação comercial (43). O primeiro contrato, pela ordem cronológica, é o da menina Pássia (doc. 119), data de 17-3-139. O que leva o nº 118 (compra de Apalaustro) data de 16-5-142. O terceiro (compra de Theódota) data de 4-10-160. Conforme as normas legais vigentes os três documentos vão assinados por cinco testemunhas e o vendedor. Apalaustro valeu 600 denários, Theódota 420 e a menina Pássia 205 (44). Falar apenas que a mulher Theódota foi vendida por 420 denários não teria nenhum sentido para nós. Felizmente um documento epigráfico encontrado em Alburnius Maior (tabuinha encerada), apresenta as cotizações de *collegia* pelas quais temos certos preços (45). Feito o cálculo, constata-se que o escravo Apalaustro, por exemplo, valia 166 cordeiros, ou 120 leitões, ou 320 litros de vinho. Analisamos mais detidamente estes três contratos em outro trabalho (ver nota 42). Por esta razão, e porque fugiria do que nos propusemos agora, nossas referências aos importantes documentos 118, 119 e 120, da relação em anexo, não prosseguem.

(41) — Pelo Direito Romano chama-se peregrino a um livre, porém não cidadão romano, que se encontra em território dominado por Roma.

(42) — PORTAL, M. G. — *Análise de 3 documentos de compra-venda de escravos na Dácia Romana*, in Anais do VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, 1976.

(43) — PAUL, Louis — “Ancient Rome at work”. In *Economic History of Rome from origins to the Empire*. New York, Barnes Noble, 1965, pp. 40 e ss. WESTERMANN, William L. — Op. cit., pp. 100 e ss.

(44) — WESTERMANN, William L. — Op. cit., p. 101. Compara com os preços do Egito à mesma época. Eram, geralmente, mais baixos do que na rica Dácia. No Egito um menino, de mais ou menos 8 anos, valeu 175 denários (a menina Pássia, na Dácia, valeu 205).

(45) — No século II, na Dácia, um leitão valia 5 denários, 1 litro de vinho 1,85 denários e um cordeiro 3,6 denários.

Destaque-se, para finalizar, a singularidade do documento 33: dois técnicos (livres), constroem uma balança pública que foi financiada por um liberto. O local onde se instala a balança foi cedido pela Curia de Sarmizegetusa. Os construtores colocaram os seus nomes, mas omitiram o do doador.

Compreendemos que só uma análise da totalidade — de todos os aspectos da realidade histórica — põe em evidência as relações estruturais que entre elas se estabelece (46) e portanto nos dá a imagem de um sistema. Sabemos, face ao estudo da série documentação de diversos tipos (47) que os romanos reestruturaram a Dácia em todos os aspectos utilizando muitos dos seus moldes; fixam centros de exploração de recursos naturais, de explorações agrícolas, que registram formas novas “integrando à tradição agro-pastoril local a agricultura racional”. Calcula-se que mais de um terço da população eram escravos. Grande parte da população dácia foi desalojada dos locais onde habitava e replantada em povoados novos, convivendo com colonos, soldados romanos e administradores de Roma. As estruturas indígenas se obliteram face ao sistema escravista romano dominante.

Estudamos documentos que dizem respeito a um tipo de escravos privilegiados. A “massa” escrava constituiu-se em simples “valor de uso” para o senhor. Este renova o estoque de capital fixo — o escravo como propriedade — dando-lhes os meios de subsistência. Não há divisão aparente entre trabalho excedente e trabalho necessário; a apropriação do produto excedente é uma função de o escravo ser propriedade do senhor. Entretanto, a maioria dos escravos de que tratamos formou em seu próprio proveito determinado capital que não era só o produto de seu trabalho, mas o resultado da rapina e da exploração provincial.

A análise dos documentos ressalta um tipo especial de escravos com capacidade intelectual superior à maioria dos escravos e dos livres pobres. Trabalhavam com vontade (veja-se nos documentos com que orgulho citam suas funções) representando os interesses dos patrões de escravos e extraíndo, no manejo de suas atividades, benefícios e riqueza. Em três documentos vemos escravos como proprietários de escravos. Comprova-se que puderam acumular recursos suficientes para comprar a liberdade bem antes de chegar à velhice. Graças aos bens acumulados puderam erguer monumentos e casar com mulheres livres. Tudo indica que os escravos públicos (sobre os quais apresentamos 49 referências documentais) fortaleceram a venalidade e a exploração da Província.

A “massa” escrava relaciona-se melhor com os livres pobres. A contradição está fixada: alguns escravos que como todos os outros constituem um bem móvel segundo a Lei, que estão subordinados juridicamente sob uma sujeição em forma de propriedade, pelos bens que angariam e pela posição que ocupam, afastam-se da “ordem” à qual pertencem como instituição para representar e defender os interesses dos patrões. Desfrutaram, em realidade, eles próprios de benefícios.

(46) — LÉVÉQUE, Pierre — *Problèmes Théoriques et Sociétés Antiques*. In *Aujourd'hui l'Histoire*. Paris, Ed. Sociales, 1979, pp. 71 e ss.

(47) — Stramosii Românilor, p. 21, e ss.

III

DOCUMENTOS

1 — DÁCIA INFERIOR

A — DROBETA (Turno Severin)

1. Incrição em mármore. Museu de Turno Severin. Data: 198-209.

“... Pelo bem-estar dos Augustos, Lúcio Setímio Severo e Marco Aurélio Antonino e Públio Setímio Geta César. Pelos cuidados de Aurélio Heráclito, procurador dos três Augustos, Eútiques e Apulense, escravos cobradores das taxas alfandegárias, construímos a partir dos alicerces este edifício alfandegário”.

2. CIL III, 8020 — Lápide (de calcáreo) com o busto de uma mulher esculpido no frontão. Museu de Turno Severin. Século II.

“Aos deuses Manes. Júlia Filomena. Viveu 30 anos. Aqui está sepultada. Fileto (escravo) de Júlio Rufino construiu para a esposa benemérita”.

3. CIL III, 14216, 4 — Monumento funerário (calcáreo). Turno Severin. Século II.

“Aos deuses Manes. Públio Élio Diofanto, veterano da coorte V dos Gauleses. Viveu 86 anos. Aqui jaz. Élia Ammis, sua filha e Élia Eutíquia, liberta, suas herdeiras, construíram”.

4. CIL III, 14216, 5 — Monumento funerário (calcáreo). Turno Severin. Século II.

“Aos deuses Manes. Élio Basso veterano da V Legião Macedônica. Viveu 66 anos, 10 meses e 16 dias. Élio Helpizou seu liberto, e herdeiro, construíram”.

5. CIL III, 14216 — Monumento funerário (calcáreo). Turno Severin. Século II.

“Aos deuses Manes. Primo Élio Jônico, comerciante. Viveu 50 anos. Júlia Proscila, sua esposa e Élio Juliano, seu filho, ambos herdeiros e pelos cuidados de Élio Primitivo, liberto”.

6. CIL III, 14216, 13 — Lápide (calcáreo). Turno Severin.

“Aos deuses Manes. Para Asclépias Crona. Viveu 40 anos. Aqui está sepultada. Asclépio Asclepiades, seu patrono, construiu de bom grado para a esposa benemérita”.

7. Altar de calcáreo. Museu regional de Turno Severin.

“Aos deuses Manes. Para Domício Januário filho de Caio ... da legião IV Flavia (frumentário)... viveu 56 anos. Domício Epipódio, seu liberto e herdeiro cuidou desta construção para o ótimo e benemérito patrono. Aqui está sepultado”.

B — ROMULA

8. CIL III, 13798 — Altar de calcário. Museu de Antiguidades de Bucareste.

“Para as Ninfas. Hylas, cobrador dos 5%, colocou ex voto”.

C — *SUCIDAVA*

9. CIL III, 8042 — Base de estátua (calcáreo). Museu de Antiguidades de Bucareste.

“Ao Imperador César Marco Aurélio Cômodo Antonino Augusto: aos cuidados de Cláudio Xenofonte procurador do imperador. Zótico e Salviano, escravos cobradores de alfândega colocaram”.

D — *REGIÃO DE RUSANESTI*

10. CIL III, 8040 — Estela funerária, de calcáreo, decorada. Museu Nacional de Antiguidades de Bucareste. Data: 150-200.

“Aos deuses Manes. Élio Valente, também chamado Esbeno. Viveu 80 anos. A esposa Sira e Fortunato seu liberto, cuidaram da construção ao patrono benemérito”.

E — *IEZURENI* (região de Craiova)

11. Fragmento de pedra (perdido)

“... Setímio, decurião da colônia de Drubeta viveu 65 anos, CIODI (?), Setímio e Peregrino colocaram”.

F — *PROVENIÊNCIA DESCONHECIDA*

12. CIL III, 1626 — Fragmento de calcário. Museu Nacional de Antiguidades de Bucareste. Século II.

“Aos deuses Manes... Viveu 60 anos. Mário Crisanto construiu o monumento ao patrono benemérito. Aqui está sepultado”.

13. CIL III, 8052 — Lápide de mármore. Museu Nacional de Antiguidades de Bucareste.

“Lucília Cecunda erigiu o monumento para seu esposo Caio Licínio Hera, para si e para os seus.
... viveu um ano... meses... Eútico construiu”.

2 — *DÁCIA INFERIOR*

A — *SARMIZEGETUSA* (Região Hunedoara)

14. CIL III, 7906 — Inscrição de pedra (desapareceu).

“Ao Gênio dos libertos e escravos. P. Públicio Anto e Públicio Cleto doaram e dedicaram o monumento”.

15. CIL III, 1532 — Lápide funerária, afundada no Danúbio por ocasião de seu transporte a Viena.

“Aos deuses Manes. Hígia (escrava) dos nossos dois imperadores. Viveu 47 anos. O Augustal dos mesmos construiu para sua esposa benemérita. Ele também está sepultado aqui. Viveu 50 anos.

16. CIL III, 1468 — Lápide funerária. Museu de Deva.

“Aos deuses Manes. Para Aurélia Respecta, raríssima mulher. Herculano, escravo nascido na casa dos dois imperadores, auxiliar de escritório dedicou à esposa”.

17. Altar de mármore de Bucova. Museu de Sarmizegetusa.

“Dedicou à deusa Celeste. Liberal, escravo de nosso Imperador, auxiliar de escritório, cumpriu de bom grado sua promessa devida ao mérito”.

18. CIL III, 7919 — Monumento votivo. Museu de Sarmizegetusa.
“Dedicado aos grandes deuses Júpiter (?) e Netuno. Filomuso, auxiliar de escritório de nosso imperador, cumpriu a promessa de bom grado, conforme mérito”.

19. CIL III, 9822 — Relevô mitraico, em mármore, descoberto em Sarmizegetusa. Museu de Deva.

“Dedicou a Cautopate. Sineto, auxiliar de escritório cumpriu de bom grado a promessa, devida ao mérito”.

20. CIL III, 7912 — Altar de pedra. Museu de Lugoj.

“A Júpiter, Ótimo, Máximo, Eterno. Pelo bem estar de Januário (escravo do Imperador), ex-tesoureiro, e de sua esposa Vítia Treptes. Ex-voto de Flávio Bélico...”.

21. Altar de mármore. Museu de Sarmizegetusa.

“Ao Gênio da Dácia feliz e ao Gênio da Casa Divina (do Imperador). Diógenes, escravo de Eutiques, tesoureiro e escravo de nossos três imperadores, cumpriu de bom grado, conforme a promessa”.

22. CIL III, 7839 — Altar — coluna de mármore. Esculpido no frontão: um touro, uma cabeça de boi e dois cervos. Museu de Deva.

“Ao Deus Nabarse, pela saúde de Ampliato, tesoureiro de nosso Imperador, igualmente pela saúde dele e de todos os seus. Protas, seu substituto (escravo)”.

23. CIL III, 7974 — Monumento funerário descoberto em Pesteana (território de Sarmizegetusa).

“Em memória de Valentina, escrava nascida na casa do Imperador que viveu 10 anos e 5 meses. Valentino, chamado também Pontiniano, escravo nascido na casa do Imperador, escrivão das arrecadações junto com Casia Rogata, à caríssima filha”.

24. Monumento honorífico (Deva?)

“Dedicado à Virgem Celeste Augusta. Nemesiano, escravo do nosso César, escriturário com o seu (próprio) dinheiro construiu o templo, dos alicerces, conforme promessa”.

25. Coluna de mármore. Museu de Sarmizegetusa.

“Ao (deus?). Malagbelo, Epipódio, escravo nascido na casa do nosso imperador (verna) e administrador, de boa vontade cumpriu a promessa, conforme mérito”.

26. CIL III, 7949 — Fragmento de pedra. Museu de Deva.

“... sor... inae... escravo administrador”.

27. CIL III, 1469 — Monumento funerário. Museu de Deva.

“Aos deuses Manes. À Aurélia Vitória, mulher incomparável. Fortunato, liberto do Imperador e auxiliar em escritório a sua esposa muito querida. Os herdeiros não poderão destruir este monumento”.

28. Altar de pedra descoberto no foro de Sarmizegetusa. Museu local?

“Para Úlpio Domício Rufino, filho de Úlpio, da tribo Papíria, decurião da colônia de Sarmizegetusa. Úlpio Domínio Hermes, liberto. Local dado por decreto dos decuriões”.

29. CIL III, 1425 — Altar votivo. Desapareceu.
“Ao gênio do Conselho Municipal (oferecimento) que prometeu Úlpio Domício Hermes, Augustal da colônia, em honra das insígnias decurionais. Cuidaram da construção Valério Trepto e Régulo filho de Domício, Hipônico, Hermes, Onésimo, Augustais da colônia e herdeiros. Local dado por decreto dos decuriões”.
30. CIL III, 1426 — Altar votivo da basílica romana de Mintia (rio Ilia).
“À Minerva Augusta. Úlpio Domício Hermes, Augustal da colônia, distinguido com as insígnias decurionais, mandou erguer por testamento. Cuidaram da construção: Valério Trepto, Régulo (filho de Domício), Hipônico, Sétímio Romano, soldado da legião XIII Gêmina, ajudante no ofício dos ‘cornicudecuriões”.
31. Fragmento de um altar de mármore. Museu de Sarmizegetusa.
“... v... Epágato... s... (patrono). Local dado por decreto dos decuriões”.
32. Fragmento de mármore. Museu de Sarmizegetusa.
“... s liberto a seu patrono”.
33. Bloco de mármore esculpido. Museu de Deva.
“Flávio Máximo e Ingenúvio Superstes construíram esta balança pública, custeando-a um liberto público. Local dado por decreto dos decuriões”.
34. Lápide de mármore achada numa necrópole. Museu de Sarmizegetusa.
“Aos deuses Manes. C. Turilo, viveu... anos e, igualmente, Caro, escravo nascido na casa do César; viveu... anos; Herculano, liberto do imperador, auxiliar de escriturário, fez para a esposa e filhos beneméritos”.
35. CIL III, 1471 — Inscrição funerária descoberta na região de Sarmizegetusa. A pedra afundou no Danúbio por ocasião de seu transporte para Viena.
“A Públio Élio Setímio Audeo, chamado também Máximo, veterano e ex-centurião de número dos Palmirenos Optacianenses. Viveu 60 anos. Élio Setímio Romano, soldado da legião XIII Gêmina, ajudante no ofício dos ‘corniculários’ e Setímia Setimina, denominada também Revocata, sua filha, e Cornélia Antônio, sua esposa, seus herdeiros construíram, incumbindo-se Setímio Asclepiades, Augustal da colônia, seu liberto”.
36. CIL III, 12590 — Monumento honorífico em pedra. Museu de Deva.
“A Gaio Valério Valeriano, filho de Gaio, da tribo Papíria, duúviro da colônia de Sarmizegetusa, metrópole, também decurião da colônia de Apulum, cavaleiro romano. Os libertos Valério Nicéforo e Proto a seu digníssimo patrono. Local dado por decreto dos decuriões”.
37. CIL III, 7988 — Monumento funerário. Desapareceu?
“Aos deuses Manes. Para Aurélio Volusiano, desaparecido em grande catástrofe marítima. Viveu 16 anos. Por (Piedade) agiram os libertos... ecai, Calicles, Timócrates, mãe Aurélia Irene a seu filho”.

38. CIL III, 7981 — Monumento funerário em forma de altar (mármore). Inscrição repetida nas três faces. Coleção particular.
- “Aos deuses Manes. A Quinto Aurélio Tércio, filho de Quinto da tribo Papíria, decurião e flamen da colônia de Sarmizegetusa. Quinto Aurélio Saturnino, Augustal da colônia, e Prósodo, e Logismo, libertos e herdeiros cuidaram da construção”.
39. CIL III, 7926 — Fragmento de pedra. Desapareceu.
- “... 23 dias libertos de nossos Augustos e... de nossos dois Senhores... ”.
40. CIL III, 7903 — Altar? de pedra. Desapareceu?
- “Homenagem a Diana Augusta. Ianuário, liberto dos dois Augustos, ‘banqueiro’, conforme promessa. Local dado por decreto dos decuriões”.
41. CIL III, 7908. Altar de pedra. Museu de Deva.
- “Homenagem à Deusa Rainha. Élia Primitiva, por promessa, em lugar de seu patrono Élio Metrodoro, cumpriu a promessa de boa mente, conforme o mérito”.
42. CIL III, 7924 — Relevô mitríaco. Museu de Deva.
- “Severo, liberto de Augusto (a Cautopati?)”.
43. CIL III, 7939 — Altar. Museu de Deva.
- “A Mitra Sol Invicto. Carpião, liberto do Augusto, escriturário cumpre seu voto, de boa mente”.
44. CIL III, 1467 — Lápide funerária. Museu de Deva.
- “Aos deus Manes. Para Marco Aurélio Onésimo. Carpião, liberto do Augusto, escriturário a seu filho dulcíssimo”.
45. CIL III, 7955 — Pedra honorífica. Museu de Deva. Data: 222-235.
- “Ao Santo Deus Malagbelo pelo bem estar do imperador César Marco Aurélio Severo Alexandre, Feliz, Augusto e de Júlia Maméia, Augusta, mãe do nosso Augusto e dos acampamentos. Primição, liberto do Augusto e escriturário da Província Dácia Apulense construiu”.
46. CIL III, 7963 — Fragmento de pedra. Museu de Lugo.
- “(... utr... rinae...) dos Procílios Flores. (e) Ingeno. Marco Procílio Primo, seu liberto, ex voto”.
47. CIL III, 1481 — Monumento honorífico. (Desaparecido).
- “Para Públio Tenácio Vindex, legado da legião XII ‘princ(ipi)’ da cidade dos Nicopolitenos. Públio Tenácio Gemelino, Augustal da colônia de Apulum, seu liberto, mandou fazer. Local doado por decreto dos decuriões”.
48. CIL III, 1527 — Lápide funerária. (Desaparecida).
- “Aos deuses Manes. Para Aurélia Prócula. Viveu 3 anos e dois meses. Búfalo, liberto do Augusto, erigiu para a sua filha inocentíssima”.
49. CIL III, 1428 — Monumento de pedra. (Desaparecido).
- “A deusa Isis. Prisciano, Augustal da colônia metrópole de Sarmizegetusa e Aurélia Fortunata, sua liberta”.

50. CIL III, 1466 — Lápide funerária. Museu de Deva. Data: século II.
“Aos deuses Manes. Para Aliano, escravo nascido na casa do nosso Augusto. Viveu 6 anos, 9 meses e 22 dias. O pai, Constanciano, liberto do Augusto e auxiliar de escriturário”.
51. Fragmento de mármore descoberto na região de Sarmizegetusa. (Desapareceu?).
“... liberto do Augusto... (tar.../concordia?/)...”
52. CIL III, 7975 — Lápide funerária. Museu de Deva.
“Aos deuses Manes. Para Aurélia Cimião, que viveu... anos, 6 meses e 11 dias. Synda ajudante de escriturário ao filho dulcíssimo e piedosíssimo”.
53. CIL III, 1437 — Relevô mitríaco, fragmentário. Museu de Cluj.
“Pela saúde de Marco Lúcio Felix, procurador do Augusto e seu liberto; ex voto”.

B — APULUM (ALBA-IULIA)

54. Altar de calcáreo. Museu de Alba Iulia.
“A Júpiter, Ótimo, Máximo, Conservador. Pela saúde de Públio Élio Antípater, sacerdote do altar do Augusto, sua e dos seus. Onésimo, administrador cumpriu a promessa”.
55. CIL III, 1181 — Altar de calcáreo. Museu de Viena.
“A Públio Antípater Marcelo, cavaleiro romano, decurião da colônia de Apulum, filho de Públio Élio Antípater, da milícia (da cavalaria), duúnviro da colônia mencionada, filho adotivo de Públio Élio Marcelo, varão egrégio, ex-prefeito das legiões VIIª Cláudia e Iª *Adiutrix*. Dades e Filetos administradores”.
56. CIL III, 1182 — Altar de pedra. (Desaparecido?).
“A Públia Élia Iuliana Marcela, esplendíssima menina, filha de Públio Élio Iuliano, cavaleiro romano, *flamen* e duúnviro da colônia de Apulum, filha adotiva de Públio Élio Marcelo, varão egrégio das legiões VIIª Cláudia e Iª *Adiutrix*. Dades e Fileto administradores”.
57. CIL III, 1209 — Monumento honorífico. (Desaparecido).
“A Públio Élio Estreno, filho de Públio, da tribo Papíria, cavaleiro romano, sacerdote do altar do Augusto e duúnviro da colônia de Sarmizegetusa, augur da colônia de Apulum, decurião da colônia de Drobeta, patrono dos colégios dos carpinteiros, bombeiros e canoieiros, arrendatários do pasto, das salinas e do comércio. Rufino, seu escravo”.
58. CIL III, 1029 — Altar de pedra. Museu de Alba Iulia.
“A Hércules Invicto. Pelo bem estar dos Júlios. Calisto (escravo) deles de boa mente cumpriu a promessa, conforme o mérito”.
59. CIL III, 999 — Altar de pedra. (Desaparecido).
“Consagrado a Diana. Pelo bem estar de A. Tapécio Antonino. Tenax (seu escravo) cumpriu de bom grado a promessa, conforme o mérito”.

60. CIL III, 1085 — Altar de pedra. (Desaparecido).
“A Júpiter, Ótimo, Máximo, Conservador. Calisto, escravo nascido em casa de nosso Augusto, tesoureiro, e Cornélia sua (esposa), por si e pelos seus”.
61. CIL III, 978 — (Altar?) de pedra. (Desaparecido).
“Aos Manes de Esculápio e Hygéia. Pelo bem estar dos nossos dois patronos Augustos. Antrócio, escravo nascido na casa deles, ex-tesoureiro, erigiu”.
62. CIL III, 7802 — Lápide funerária. (Desaparecida).
“Aos deuses Manes. A Isidora, natural da Ásia. Viveu 18 anos, 3 meses e 13 dias. Primo, tesoureiro substituto (escravo) do Augusto, àquela que bem o mereceu”.
63. CIL III, 1079 — Altar de pedra. Museu de Sibiu.
“A Júpiter, Ótimo, Máximo, a Juno e Minerva e ao Senhor Esculápio. Setímio Asclépio Hermes, liberto do seu Esculápio, condecorado com as insígnias de decurião da colônia de Apulum e Augustal da mesma colônia, erigiu seu ex-voto”.
64. CIL III, 1088 — Inscrição votiva. (Desapareceu).
“A Júpiter, Ótimo, Máximo, Taviano e aos deuses e deusas, pelo bem estar e vitória de nosso senhor santíssimo Aviano, liberto do Augusto e subprocurador das minas de ouro, cumpriu a promessa de boa mente”.
65. CIL III, 980 — Altar de mármore. Alba Iulia.
“A Esculápio de Hygéia. Por sua saúde e dos seus. Carpião liberto de Augusto, escriturário da província Dácia Apulense”.
66. CIL III, 7753 — Inscrição votiva. (Desaparecida).
“A Juno, Iúlio Alexandre, administrador do legado da legião XIII^a. Gêmina e Élia Vivência, liberta colocaram”.
67. CIL III, 1109 — Baixo relevo com cena de sacrifício mitraico. Museu de Sibiu.
“Ao Deus Sol Invicto Mitra. Pela saúde e incolumidade de Marco Aurélio Timóteo e de Aurélio Máximo. Fez e cumpriu promessa, novamente, Eútiques, seu liberto”.
69. CIL III, 1124 — Inscrição em pedra. (Desaparecida).
“À Deusa Nemesis. Aurélio Mário, *optio, signifer*, da Legião XIII^a. Gemina, junto com sua esposa Sevéria Secundina, por sua saúde e a de Mariana Bonosa e do liberto Mariniano”.
70. CIL III, 1208 — Inscrição honorífica. (Desaparecida).
“Para Públio Élio Genial, filho de Públio da tribo Papíria, decurião e pontífice da colônia de Apulum, patrono do colégio dos bombeiros. Públio Élio Eútimo liberto”.
71. CIL III, 1229 — Monumento funerário, em mármore (Desaparecido).
“Para Aurélia Placentina. Viveu 60 anos. O liberto Tito Aurélio Estevão ergueu para sua patroa benemérita”.

72. Altar de calcáreo. Museu de Ploiesti. Data: 180-192 (época de Cômodo).

“Para Caio Úlpio Bono, decurião, edil, duúviro do município de *Apulum*, sacerdote da província. Úlpio Lúcio libertos”.

73. CIL III, 1230 — Lápide funerária. (Desaparecida).

“Aos deuses Manes. Para Cásia Saturnina. Viveu 50 anos. Conforme vontade testamentária Cássia Ponticila à patroa benemérita, por decisão de seu esposo Públio Ianuário e de Públio Severo”.

74. CIL III, 1232 — Em mármore. Museu de Alba Iulia.

“Para Cláudia Marciana. Úlpio Domiciano e Fileto (libertos) à ótima patroa”.

75. CIL III, 1239 — Lápide funerária. (Desaparecida).

“Aos deuses Manes. Júlia Valéria viveu 30 anos. Júlia (Junila?) liberta e... esposo beneméritos. Aqui jazem”.

76. Inscrição honorífica. Museu de Alba Iulia.

“A Santa Epona. Pela saúde de Gaio Júlio Setímio Castino legado, propretor do Augusto, das três Dácias. Libela, encarregado de seus jumentos cumpriu promessa”.

77. CIL III, 1028 — Pedra esculpida. (Desaparecida).

“A Hércules Invicto. Pela saúde de Caio Júlio Metrobiano e sua esposa Élia Bona. Adamas, conforme promessa”.

78. CIL III, 1113 — Monumento votivo. Museu de Cluj.

“Ao Invicto Mitra. Dioscoro, filho de Marco, cumpriu de bom grado, conforme o mérito”.

C — *AMPELUM* (Zlatna, rio Alba, região Hunedoara).

79. CIL III, 1288 — Altar de calcáreo. Museu de Cluj.

“Dedicado a Diana pelo bem estar de Antônia Rufa. O escravo Vitorino”.

80. CIL III, 1304 — Inscrição votiva. Caiu no Danúbio por ocasião de seu transporte a Viena.

“À Nemesis Augusta. Vital (secravo) de Gaio Apônio cumpriu promessa”.

81. CIL III, 1331 — Lápide funerária.

“Aos deuses Manes, Valério Rufino. Viveu 54 anos e Opília Cai... de viveu 68 anos. Valério Crescente seu libertos pôs para os beneméritos”.

82. CIL III, 1322 — Lápide funerária.

“Aos deuses Manes. Tito Aurélio Aper Délmata ‘*princeps*’ oriundo do (município?) de *Splonum*. Viveu 30 anos. Aurélio Satara, libertos, pôs ao ótimo patrão”.

83. CIL III, 1311 — Lápide funerária. (Desaparecida).

“Em memória de Papíro Rufo procurador das minas de ouro. Os libertos e herdeiros ergueram ao patrão piedosíssimo e para si”.

84. CIL III, 7845 — Lápide funerária. (Desaparecida).
“A Cláudia Pia, nascida em *Lapiaerom*. Viveu 47 anos. E para Cláudio Firmino, seu filho. Viveu 41 anos, 4 meses e 10 dias. Capito, libertado de Tritio, para a esposa e o filho piedosíssimos e beneméritos. Aqui jazem”.
85. CIL III, 7844 — Lápide funerária. (Desaparecida).
“Aos deuses Manes. Calvência Asela, vernácula de seu dono. Viveu 35 anos. Calvência Marcelina, a patroa, pôs para a liberta benemérita”.
86. CIL III, 1307 — Fragmento de inscrição. (Desaparecida).
“Para (Annia?) Lucila Augusta (esposa) do imperador Vero Augusto, Armênio, Pártido. Os libertos, os escravos e os pequenos arrendatários das minas de ouro”.
87. CIL III, 1312 — Lápide funerária. (Desaparecida).
“Aos deuses Manes. A Marco Úlpio Hermias, libertado do Augusto, procurador das minas de ouro, cujos restos mortais foram levados a Roma por concessão de nosso Augusto. Salônia Palestri, sua esposa, e Giógenes, seu libertado, puseram a quem bem o mereceu. Viveu 55 anos”.
88. CIL III, 1302 — Monumento honorífico. (Desaparecido).
“Homenagem a Silvano. Leonas, libertado do Augusto, auxiliar de escriturário. Por sua saúde e a de todos os seus. Pôs, cumprindo de bom grado a promessa”.
89. CIL III, 1286 — Inscrição votiva. Museu de Sibiu.
“Ao Deus eterno. Emaragdo, libertado do Augusto, escriturário, e sua esposa Aurélia Úrbica e sua filha Matrona, cumpriram promessa conforme o mérito”.
90. CIL III, 1297 — Altar de calcáreo. Museu de Cluj.
“A Júpiter, Ótimo, Máximo. Neptunal, libertado do Augusto, escriturário das minas de ouro da Dácia, cumpriu a promessa, conforme o mérito”.
91. CIL III, 1313 — Lápide funerária. (Desaparecida).
“Aos deuses Manes. A Úlpia Trofina de (M?). Para sua santíssima esposa. Neptunal, libertado do nosso Augusto, escriturário das minas de ouro... (*tabularium aurariarum*)”.
92. CIL III, 1303 — Inscrição votiva. Museu de Cluj.
“Para Liber pai e Libera (Dos *collegia de?*) *Herclianis* e *Cervabus*. Romano (escravo) de nosso Augusto e Aurélia Creste cumpriram promessa”.
93. CIL III, 7837 — Inscrição votiva. (Desaparecida?).
“A Isis. Pelo bem estar de Marco Júlio Apolinar. Puseram Vero e Romano, escravos, vernáculos de nosso Augusto, e seus administradores”.
94. CIL III, 1315 — Lápide funerária.
“Aos deuses Manes. Sossia Sabina. Viveu 25 anos. Viveu casada 11 anos e 10 meses, convivendo sem querelas. Fuscino, vernáculo (do Imperador), escriturário, colocou para a esposa que bem o mereceu”.
95. CIL III, 1314 — Lápide funerária. (Desaparecida).
“Aos deuses Manes. Iustino, vernáculo de César, pequeno auxiliar em escritório. Viveu 15 anos. Tertio, vernáculo, ergueu o momento ao filho pio, que bem o mereceu”.

96. CIL III, 1310 — Coluna de pedra.
“A Júpiter, Ótimo, Máximo, Eterno, Conservador. Calisto, tesoureiro de nosso Augusto. Por sua saúde e pela dos seus colocou ex-voto”.
97. Fragmento de uma coluna de pedra.
“... (escravo? Ou liberto?) do Augusto, auxiliar em escritório, fez a doação”.
98. CIL III, 1300 — Inscrição honorífica. (Desaparecida).
“A Jupiter, Ótimo, Máximo e aos deuses imortais (ou para a Fortuna de Augusto)... Mércúrio, escravo de César...”.
99. CIL III, 1335 — Lápide funerária. (Desaparecida).
“Aos deuses Manes... *nusa*, escrava de nosso Augusto. Viveu 18 anos... *ia*. *Vitalis* erigiu àquela que bem de si mereceu”.
100. Lápide funerária. Museu de Cluj.
“Aos deuses Manes. Para Sirilião, guarda do templo, que viveu 78 anos. Liberali, liberto dos nossos dois Augustos, conservador dos registros e Élia Vitória a seu pai benemérito”.
101. Fragmento.
“Ao nome de Esculápio. Construiu o templo...s liberto de Augusto, escriturário”.

D — *POTAISSA* (TURDA)

102. Inscrição em calcáreo. (Desaparecida?).
“Tímocles (escravo), escrivão de nosso César. Viveu 35 anos. Bona, escrava de nosso César, pôs para seu sobrinho (neto?)”.
103. CIL III, 917 — Lápide funerária. Museu de Viena.
“Aos deuses Manes. À Aia Nandonis. Viveu 80 anos. Andrada Betuvantis viveu 80 anos. Bricena viveu 40 anos, Iusta viveu 30 anos, Bedaro viveu 12 anos. Após a morte dela, Herculano, liberto, pôs à patroa que bem o mereceu”.
104. CIL III, 7693 — Inscrição funerária.
“Aos deuses Manes. Élia Ttiadmes, nascida em Palmira, viveu 8 anos. Surílio viveu 25 anos, Rufina viveu 20 anos, Élio Bolhas Banaei, veterano da coorte dos Palmirenos e Élia Doméstica sua esposa construíram o monumento para a piedosíssima e dulcíssima filha, ao liberto e aos escravos que bem o mereceram”.
105. Fragmento. (Desaparecido?).
“... *ser* (vo?) administrador... erigiu a quem bem o mereceu”.

E — *MICIA* (rio Ilia, região: Hunedoara)

106. CIL III, 7853 — Altar de pedra. Museu de Deva. Data: 170.
“A Júpiter, Ótimo, Máximo, da Terra da Dácia, ao Gênio do povo romano e do comércio. Félix, escravo, administrador de nosso César na alfândega de Ponte Augusta, promovido da alfândega de Mícia, de substituto que foi... N...”.
107. CIL III, 1363 — Altar de pedra. Museu de Deva.
“A Silvano Doméstico. Pelo bem estar de Públio Élio Mário, arrendatário das pastagens e das salinas. Públio Euforo, de bom grado cumpriu a promessa”.

F — *DIERNA* (ORSOVA)

108. Lápide, ou altar. Data: 146-158.

“A Júpiter, Ótimo, Máximo. Belino, escravo de Tito Júlio Saturnino, arrendatário do serviço da alfândega, de bom grado cumpriu a promessa, conforme mérito”.

G — *TIBISCUM* (região TIMISOARA)

109. CIL III, 7998 — Pedra funerária. (Desaparecida).

“Iarse (escravo?) de César. Viveu 50 anos. Públiã Sucessa, ao esposo que bem o mereceu”.

110. CIL III, 1549 — Monumento honorífico. Museu de Timisoara.

“Ao Sol Invicto Nume de Mitra. Pelo bem estar de Público Marso. Hermádio, administrador de Turrânio, cumpriu de bom grado a promessa, de acordo com o mérito”.

111. CIL III, 7997 — Altar de pedra. Museu de Timisoara.

“A Júpiter, Ótimo, Máximo, Doliqueno. Júlio Valentino, sacerdote do município de Tibiscum, pelo seu bem estar e de todos os escravos (familiares). A promessa foi cumprida de bom grado, de acordo com o mérito”.

H — *AQUAE* (rio Hunedoara, região Hunedoara).

112. CIL III, 7893 — Lápide funerária. Museu de Deva.

“Aos deuses Manes. C. A. Dedalo. Viveu 60 anos. Valéria Cara viveu 35 anos, C. O. . . . A. Tétula viveu 50 anos. A. Augo viveu 30 anos. C. A. Caro, C. A. Valeriano, veterano, mandaram construir para seus pais e irmãs, Crispina (Vetila?), Máxima e Butes”.

I — *GERMISARA* (rio Orastie, região Hunedoara).

113. CIL III, 1399 — Lápide funerária. Data: 209-211 (época de Setímio Severo). (Desaparecida).

“Aos deuses Manes. Marco Aurélio Crescente, libertado dos três Augustos. Viveu 61 anos; e para Aurélia Flora, sua filha, falecida em Ptuj. Viveu 23 anos, 11 meses, 22 dias. Élio Juliano erigiu para o sogro e sua esposa piedosíssima, que bem o mereceram”.

J — *POROLISSUM* (rio Zalău, região de Cluj).

114. Fragmento de altar.

“À Fortuna Augusta. Félix, administradores do nosso Augusto, cumprindo promessa de bom grado, segundo mérito”.

115. Lápide funerária. Museu de Cluj.

“Aos deuses Manes. Eufeno escravo do escravo Peregrino viveu 35 anos. Erasmo erigiu o monumento a seu colega de escravidão”.

116. CIL III, 7640 — Lápide funerária. Museu de Zalău.

“Aos deuses Manes. Para Vitória Afra. Viveu 20 anos. P. . . , o patrão. Erigiram o monumento os libertos e as libertas aos que bem o mereceram”.

K — *ALBURNOS MAIOR* (rio Cîmpeni), região de Cluj).

117. CIL III, 7830 — Lápide funerária. (Desaparecida).

“Aos deus Manes. Arria Mam. Viveu 25 nos. Breuco, escravo, ergueu à esposa que bem o mereceu”.

- 118. CIL III, p. 490, nº VII — Tabuinha encerada, descoberta em 1855. Encontra-se no Museu de Blaj. Documento de compra-venda de um escravo datado de 16 de maio de 142.

“Dásio Breuco compra e recebe como escravo o menino Apalausto, ou com outro nome que tiver, de origem grega, pelo o qual foi passado um recibo de 600 denários por parte de Bélico, filho de Alexandre. Sendo interrogado, em boa fé, Marcos Vibio Longo, declara que este escravo vendido possui boa saúde, que não cometeu nenhum furto ou prejuízo a alguém, que não é vadio, nem fugitivo, nem epilético. Caso alguém reclame tal domínio na totalidade, ou em parte, de tal maneira que o comprador acima mencionado, ou a pessoa a quem estiver alugado o escravo não possa usá-lo, então será fixada a retribuição de duas vezes o preço pago. Tanto quanto pediu, em boa fé, Dásio Breuco, sendo seu direito, e Bélico, filho de Alexandre, prometeu de boa fé que pagará. Garantia fiança nessa eventualidade Vibio Longo. Por tal menino mencionado acima, Bélico, filho de Alexandre, disse que recebeu o preço de 600 denários de parte de Dásio Breuco.

Realizado no “canabis” da legião XIIIª Gêmeina, 17 dias antes das calendas de junho sendo cônsules Rufino e Quadrato (= 16 de maio de 142). Assinam:

Testemunhas: Ápio Proclo, veterano da XIIIª Gêmeina, Antônio Celer, Júlio Viator, Úlpio Severino, Lúcio Firmino Primitivo. Fiador: Marco Vibio Longo e vendedor: Bélico Alexandre”.

119. CIL III, pp. 936 e 2215, nº VI — Tabuinha encerada. Descoberta em 1855. Contém o contrato de compra-venda de uma escrava. Data: 17 de março de 139. Encontra-se no Museu de Budapeste. “Máximo, filho de Bato, compra de Dásio, filho de Verzo, pirusta de *Kavieretium* e recebe como escrava uma menina de nome Pássia, ou algum outro nome que tiver, mais ou menos de 6 anos, por 205 denários. A menina foi achada pelo vendedor, depois de ter sido abandonada pelos pais (*Sportellaria*).

Dásio declara que a menina goza de boa saúde, é inocente de quaisquer furtos ou prejuízos, não é fugitiva nem vadia.

Se alguém impedir Máximo de Bato, a quem pertence a “coisa” de possuí-la, totalmente ou em parte, Máximo, filho de Bato, pede sob palavra, e Dásio, filho de Verzo, promete, sob palavra, a devolução em dobro do preço pago pela menina.

Dásio, filho de Verzo, confirma que recebeu de Máximo, filho de Bato, pela menina, 205 denários, tendo-os em mãos”.

Realizado em *Kartum*, 16 dias antes das calendas de abril, sendo cônsules Tito Élio César Antonino Pio pela segunda vez e Brucio Presente, também pela segunda vez.

Assinam as testemunhas: Mésio, decurião, Anesies Andunocete, Planio Versão, Solaies, Licaio Epicadi Marcineso, Epicado Plarente e Dásio de Verzo (o vendedor).

120. CIL III, pp. 959 e 2215, nº XXV — Tabuinha encerada. Descoberta em 1855. Contém o contrato de compra-venda de uma escrava. Data: 4 de outubro de 160. Museu de Blaj (?).

“Cláudio Juliano, legionário, da XIIIª Gêmeina, da centúria de Cláudio Mário, compra e recebe uma mulher com o nome de Theódota, ou outro nome que tiver, oriunda de Creta, pelo preço de 420 denários, de Cláudio Fileto,

sendo fiador, Alexandre, filho de Antípater. Essa mulher foi entregue ao comprador acima mencionado em boa saúde. Caso alguém impeça a propriedade dessa mulher, em parte ou totalmente, de modo que o comprador acima mencionado, ou a pessoa a que venha pertencer a “coisa” não possa usá-la, conforme a lei será devolvido em dobro o preço pago pela escrava.

Para que assim seja garantiu com sua fiança Alexandre, filho de Antípater. Cláudio Fileto disse que recebeu, pela mulher acima especificada, 420 denários, da parte de Cláudio Juliano, o legionário acima mencionado.

Realizado no *canabis* da legião XIIIª Gêmina, 4 dias antes das nonas de outubro (4 de outubro), sendo cônsules Bradua e Varo.

Assinam as testemunhas: Valério Valens, da legião XIIIª Gêmina, Cn. Varo A. ... Élio Dionísio, veterano da legião, Paulino..., Júlio Vitorino, Fiador: Alexandre, filho de Antípater, Cláudio Fileto (vendedor)”.

121. CIL III, p. 950, nº XIII — Tabuinhas enceradas (tríptico). Conservam-se as duas primeiras. Contém o contrato da constituição de uma sociedade comercial. Data: 28 de março. Museu de Berlim. “Entre Cássio Frontino e Júlio Alexandre foi constituída uma sociedade com a finalidade de realizarem empréstimos à base de juros, 10 dias antes das calendas de janeiro último passado (23 de dezembro), sob o consulado de Pudente e Polião até o dia que precede os idos de abril (12 de abril), próximo futuro. Foi antecipada a soma que se vai ganhar ou perder; o que deverão receber será dividido em partes iguais. Para tal associação Júlio Alexandre depositou 500 denários (dinheiro que será aplicado em rendas). Secundo, escravo de Cássio Palumbo, como encarregado, depositou 200 denários para Frontino... 67 ... em *Alburnus*. Nessa sociedade, caso alguém queira enganar (tenha má fé) ... entregará por cada asse um denário, e para cada denário 20 denários. Passado o prazo serão obrigados a receber a importância acima mencionada, ou sobrando algo, será dividido.

Cássio Frontino pediu, estipulando-a, que tal importância obrigatória fosse cumprida, e Júlio Alexandre concordou.

Para esse fim foram assinadas duas tábuas iguais.

Igualmente deve-se a Lossa 50 denários que ele deverá receber dos sócios acima mencionados.

Ato realizado em Deusara, 15 dias antes das calendas de abril (28 de março, 167), sendo cônsules Vero, pela terceira vez e Quadrato”.

L — *AD MEDIAM* (rio Almas, região Timisoara)

122. CIL III, 1565 — Inscrição votiva. (Desaparecida).

“A Hércules pela saúde do imperador Marco Aurélio Antonino Pio Augusto e a Júlia Domna, mãe de Augusto, e pelos castros aos cuidados do procurador Júlio Paterno. Sintrofo, o administrador”.

123. CIL III, 1568 — Altar de pedra. (Desaparecido). Cópia duvidosa. Data: 157.

“A Hércules. Augusto (...?). Félix (escravo) de Tito? Júlio? Saturnino, arrendatário (de meia parte?) das taxas alfandegárias... a estação Dierna a 4 dos (idos?)... cumprindo ex-voto”.

124. CIL III, 1573 — Altar votivo. Museu de Viena.

“A Hércules Santo. Eútiques (escravo) administrador de Públio Élio Antípater, pôs ex-voto”.

M — *DOSTAT* (rio Sebes, região Hunedoara).

125. CIL III, 7729 — Relevo Mitraico. Museu de Deva.

“A Júpiter Sol Invicto, Deus Gerador, Nascido da Rocha. Lúcio Élio Hilas, cobrador dos 5%, liberto, pelo seu bem estar e pelo de seu filho Horizonte e de sua Apuléia (esposa), cumprindo a promessa (pôs) a imagem do deus com auréola”.

N — *MINTIA* (rio Ilia, região Hunedoara)

126. CIL III, 1382 — Lápide funerária. (Desaparecida).

“Aos deuses Manes. À memória de Gaio Licínio Pôntico, da tribo Colina, de Cesárea do Ponto, veterano da ala Iª Augusta dos Iturens. Viveu 50 anos, fez o serviço militar... anos. Licínio Euprepes, fez para o patrão”.

127. CIL III, 7868 — Lápide funerária. Mintia (epitáfio em versos).

“Aos deuses Manes. Élia Hígia. Viveu 18 anos. Élio Valentino, decurião da colônia da (Apulum?), sacerdote da colônia, erigiu à liberta e esposa de grata lembrança, que o tempo duro levou com toda a família. Dácia queria-te, Mícia guarda-te consigo. Saúdo-te muito, jovem, passa bem para sempre”.

O — *PAULENI* (rio Odorhei)

128. Altar votivo. Museu de St. Gheorghe.

“Ao Sol Invicto. Pelo bem estar de Gaio Júlio Valentino, arrendatário das salinas. (Gaio) Júlio Omício, liberto, administrador, ergueu”.

P — *PETRENTII DE JOS* (rio Turda, região Cluj).

129. CIL III, 1211 — Lápide funerária. (Desaparecida).

“Aos deuses Manes. A Públio Élio Victor Plauciano, decurião do município. Salvia, sua esposa Secund (ina?), vernácula, Júlia... *menti* ... Frontina... a ele que bem o mereceu”.

Q — *PLUGOVA* (rio Almas, região Timisoara)

130. CIL III, 8011 — Lápide funerária. (Desapareceu?).

“Betácio Crisanto, Augustal da colônia de Sarmizegetusa. Viveu 60 anos. Aqui jaz. O monumento foi erigido por Betácia Gamice (?) sua esposa e coliberta e 4 coherdeiros”.

R — *SECHEDIN* (Hungria)

131. Fragmento de inscrição. Museu Seghedin.

“... arrendatário da alfândega pública, prefeito dos veículos públicos. Mercador, administrador, de bom grado cumpriu promessa, merecida”.

S — *SIC* (rio Gherla, região Cluj).

1323. CIL III, 7637 — Altar de pedra. Museu de Cluj.

“Dedicado a Silvano. Pela saúde de Cláudio Rufino. Myro, escravo do mesmo”.

T — *MACICASU* (rio Cluj, região de Cluj).

133. Altar de pedra. Museu de Cluj.

“A Silvano Silvestre. Fortunato, filho de Teupropro. Cumpriu promessa de bom grado”.

U — *PROVENIENCIA DESCONHECIDA*

134. CIL III, 1609 — Lápide funerária. Museu de Turda.

“Aos deuses Manes. De Escauriano, escravo, administrador do nosso César. Viveu 23 anos. Fusciano erigiu a seu irmão, que bem o mereceu”.

135. CIL III, 1609 — Lápide funerária. (Desaparecida).

“Aos deuses Manes. Élia Valéria. Viveu 62 anos. Tibério Cláudio Festo, viveu 20 anos. E Élio Valério. Viveu 16 anos. Élio Saturnino e Élia Valentina, libertos, erigiram para a patroa benemérita”.

136. CIL III, 1622 — Lápide funerária. Desapareceu(?)

“Para Aurélia Januária, filha piedosíssima que viveu 4 anos, 7 meses e 16 dias. Romano, liberto de Augusto e procurador das minas de ouro, seu pai, fez”.

137. CIL III, 6265 — Monumento funerário. (Desaparecido).

“A Cocéia Valéria, Públio, Tenácio Gemelino, Augustal da colônia de Apulum/cuidou de erguer o monumento segundo as disposições do testamento/ de Públio Tenácio Vindex, centurião da legião. Local dado por decreto dos decurhões”.

V — *INSCRIÇÕES DÚBIAS* (Escravos ou Libertos)

138. CIL III, 8025 — Altar de calcáreo. Museu de Craiova.

“A Júpiter Ótimo Máximo, oferecem (Ioncutu?) e Iono, por voto”.

139. Fragmento de mármore. Museu Sarmizegetusa.

“... *uni*... Marco... Valentino... Antípater... (Crescêncio)... Eú-
tique... *us*... Vitalino e Súrío”.

140. CIL III, 1529 — Inscrição funerária. Sarmizegetusa.

“Aos deuses Manes. Para Cândida. Viveu 25 anos. Eucaristo pôs para sua esposa, que bem o mereceu”.

141. CIL III, 1436 — Monumento votivo, de Sarmizegetusa. Museu de Blaj.

“Ao Sol Invencível Mitra Invicto. Hermádio cumpriu promessa, de bom grado, conforme mérito”.

142. CIL III, 1081 — Altar votivo, de Apulum. Museu de Viena.

“A Júpiter Ótimo Máximo e aos deuses Penates. Escauriano”.

143. CIL III, 1253 — Monumento funerário, de Apulum. Museu de Viena.

“Aos deuses Manes. Úrsulo. Viveu 24 anos. Lúpulo ao irmão benemérito”.

144. CIL III, 897 — Monumento votivo, de Potaissa. Museu de Viena. "Sagrado a Marte, Amigo e Deus Consente. Hérmiás dedicou como prometeu".
145. CIL III, 898 — Monumento votivo, de Potaissa. Museu de Viena. "Sagrado a Mercúrio, Deus Consente. Hérmiás dedicou, conforme prometeu".
146. CIL III, 1368 — Fragmento, em pedra, de Mícia, (Desaparecido). "... RENPI... (liber) to? do Augusto... VIT..."
147. CIL III, 7661 — Monumento votivo Museu de Cluj. "Ao Deus Silvano. Pela saúde de Élio Juliano. Securo pôs".
148. CIL III, 816 — Monumento funerário. De Ilisua (região de Cluj) (Desaparecido). "Aos deuses Manes... escrava crioula do Augusto. Viveu 3 anos... Aurélio... erigiu para a esposa piedosíssima".
149. CIL III, 806 — Monumento funerário, de Ilisua, região de Cluj (Desaparecido). "Aos deuses Manes, Cocceio Júlio, cavalariano da ala VII Frontoniana (dos estipendiários). Viveu 27 anos. Primo, seu herdeiro, tratou de erigir".
150. Altar, de Domnesti (região de Cluj). Museu de Bistrita. "A Júpiter Ótimo Máximo e a J (uno?) M (inerva?), pelo bem estar de Élio Mário, sacerdote da colônia, arrendatário das pastagens e das salinas. Ático seu administrador, cumpriu de boa mente a promessa".
151. Monumento funerário, em mármore. Moldava Nouá (região Timisoara). Início do século III. "Aos deuses Manes. Públio Élio Eliano. Viveu 3 anos e 30 dias. Pisperas filho de Timóstrato, administrador, e Élia Epíctesis, seus pais, erigiram ao que bem o mereceu".
152. Altar de calcáreo, descoberto em 1910. Ampelum. Data: 215. "Sagrado a Ceres Augusta. (Faz) Suríaco, administrador das minas de ouro, com os seus, sendo procurador o brilhantíssimo (Aulo?) Senec...? Contiano (Pontiano?). Erigiu nas nonas de janeiro, sendo cônsules Leto, pela segunda vez, e Ceríal".